



REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

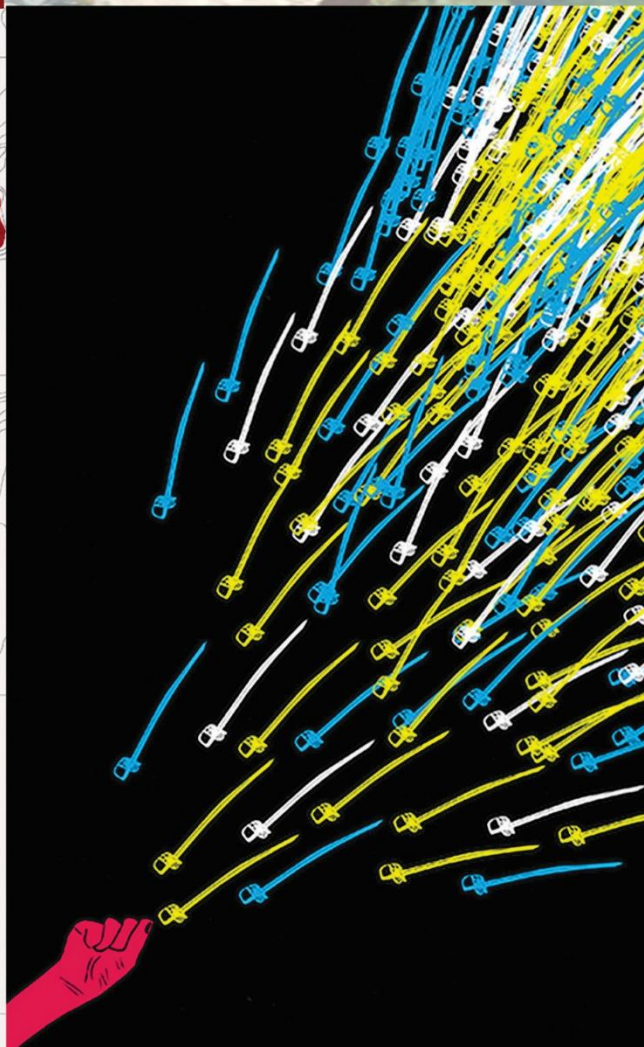
VOL. 05, Nº 2 - 3º TRIMESTRE - 2020

ISSN 2448-1793

NOSSOS

Dossiê
20 anos

Curso de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Estadual de Goiás



MOSTRA(R) O PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO DE ANÁPOLIS: UMA EXPERIENCIA METODOLÓGICA EM AÇÃO

DISPLAYNG THE BUILDING CULTURAL HERITAGE OF ANÁPOLIS
A METHODOLOGICAL EXPERIENCE IN ACTION

MOSTRA(RE) IL PATRIMONIO CULTURALE EDILÍCIO DI ANÁPOLIS
UN'ESPERIENZA METODOLOGICA IN AZIONE

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4666534>

Envio: 20/08/2020 ♦ Aceite: 29/10/2020

Milena d' Ayala Valva



Arquiteta e Urbanista pela PUC-GO, professora da UEG desde 2001 no curso de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER-UEG) desde 2012. Especialização em Revitalização Urbana e Arquitetônica e Mestrado em Arquitetura pela UFMG. Doutorado em Projeto, Espaço e Cultura pela FAU-USP

RESUMO:

Esse artigo trata de uma experiência que está sendo desenvolvida desde 2016 na disciplina de Patrimônio Cultural Edificado, do quinto período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Mais do que refletir sobre um processo de ensino e aprendizagem, esse registro quer apresentar inquietações, quer falar de uma escola e seus alunos, da aventura da liberdade e criação e da difusão de conhecimentos e sensibilidades. *Conhecer para Preservar, Preservar para Conhecer*, jargão conhecido, é o nome de um projeto experimental que busca, através de uma proposta de ação e de provocações, novas práticas de educação patrimonial. Essa prática envolve trabalho de campo, conhecimento e questionamentos da realidade, escolha de um tema e materialização de uma proposta de ação coletiva mediada pela estética e pela arquitetura e urbanismo. As *Mostras*, modalidade de exposição escolhida para apresentar o resultado da pesquisa de campo, defendem um conceito e ideias, com o objetivo de sensibilizar as pessoas, considerando diferentes possibilidades de público, sobre o tema da salvaguarda do patrimônio cultural edificado da cidade de Anápolis (GO).

PALAVRAS-CHAVES: Patrimônio Edificado, experiência, ensino, aprendizagem.

ABSTRACT:

This article deals with an experience that is being developed since 2016 in the discipline of Edified Cultural Heritage in the fifth period of the Architecture and Urbanism course at the State University of Goiás (UEG). More than reflecting on a teaching and learning process, this register wants to present concerns to talk about a school and its students, the adventure of freedom and creation, and the diffusion of knowledge and sensitivities. *Knowing to Preserve, Preserving to know*, known jargon, is the name of an experimental project that seeks, through a proposal for action and provocations, new practices of heritage education. All this involves fieldwork, knowledge and questioning of reality, a theme's choice and materialization of a proposal for collective action mediated by aesthetics and by architecture and urbanism. The *Expositions*, modality chosen to present the results of the field research, defend a concept and ideas, with the objective of sensitizing people on the subject of safeguarding the built cultural heritage of the city of Anápolis (GO).

KEYWORDS: Edified Heritage, experience, teaching, learning.

SOMMARIO:

Questo articolo tratta di una esperienza che sta sendo realizzata fin dal 2016 nella disciplina Di Patrimonio Culturali Edificati, nel quinto periodo del Corso de Architettura e Urbanistica presso l' Università Statale di Goiás (UEG). Più che riflettere su un processo di insegnamento e di apprendimento, questo registro vuole presentare inquietazioni, vuole parlare di una scuola e dei suoi alunni, dell'avventura di libertà e creazione e della diffusione di conoscenze e sensibilità. Conoscere per preservare, preservare per conoscere, detto ben conosciuto, è il nome di un progetto sperimentale che cerca, attraverso di una proposta de azione e di provocazioni, nuove pratiche di educazione patrimoniale. Tutto questocoinvolge lavoro sul campo, conoscenza e questionamento della realtà, scelta di un tema e materializzazione di una proposta di azione colettiva mediata per l'estetica e per l' architettura e l'urbanistica. Le *Mostre* una modalità scelta per appresentare i risultati della ricerca di campo, difendono un concetto e idee, con la finalità di sensibilizzare le persone sul tema della salvaguardia del patrimonio culturale edificato nella città di Anápolis (GO).

PAROLE CHIAVE: Patrimonio edilício, sperienza, insegnamento, apprendimento.

INTRODUÇÃO

A comemoração dos 20 anos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás (UEG) em 2020 é um momento de celebração e reflexão. São duas décadas formando arquitetos e urbanistas com um currículo amplo que abrange diferentes núcleos de conhecimento e campos de saberes para a formação desse profissional que possui inúmeras atribuições e que, portanto, recebe uma formação generalista. Um dos princípios previstos da profissão de arquitetura e urbanismo é a “valorização e preservação da arquitetura, do urbanismo e da paisagem como patrimônio e responsabilidade coletiva” (MEC, 2006). Desde o início do curso da UEG esse conhecimento foi adotado e vem sendo trabalhado em uma disciplina específica que recebeu o nome de “Patrimônio Cultural Edificado” e que compõe a grade do quinto período da formação do aluno. Essa disciplina cumpre as diretrizes curriculares nacionais em vigência e representa o núcleo de conhecimento profissional denominado de “Técnicas Retrospectivas”.

A preocupação em desenvolver esse conteúdo em uma disciplina teórica e que mais tarde se complementaria com uma disciplina de Projeto de forma integrada, sempre fez parte dos debates sobre que tipo de profissional o curso da UEG gostaria de formar, encarando a preservação e conservação do patrimônio cultural ambiental e urbano como um dos desafios profissionais contemporâneos, e também como uma necessidade de aprofundamento da formação sociocultural que um arquiteto tem que ter.

Vale lembrar que apesar da necessidade de formação de profissionais com essas habilidades sempre serem reforçadas pelos documentos e protocolos que tratam da questão da preservação no Brasil e no mundo¹, esse discurso foi intensificado no nosso país a partir da década de 1970 com o Compromisso de Brasília (IPHAN, 1970), e que só a partir de 1996, como lembra Ana Paula Farah (2008), esse tema começou a ser

¹ Ver os Documentos denominados de CARTAS PATRIMONIAIS disponíveis no site do IPHAN. <<http://portal.iphan.gov.br/>>

introduzido nos currículos mínimos dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, por meio de uma portaria de 1994 que mais tarde foi revogada em 2006.

O curso da UEG não só assumiu esse conteúdo independente da obrigatoriedade que foi se impondo com as novas normativas, já que na sua gênese e discussões essa questão estava sempre presente mas, também pelo fato do corpo docente ter estado alinhado desde o início com essa necessidade de sensibilizar e conduzir futuros profissionais para as questões da nossa memória cultural, das nossas heranças e, principalmente, pelas questões urgentes do nosso presente histórico e do futuro das nossas cidades. É impossível estabelecer uma relação com o meio em que vivemos se não reconhecemos a necessidade de perceber e dialogar com os lugares da memória.

Esse trabalho, que pretende apresentar uma prática metodológica que está sendo desenvolvida desde 2016 na disciplina de Patrimônio Cultural Edificado (PCE) articulada com alunos da pós-graduação é a oportunidade também de revisitar a história do primeiro curso público de Arquitetura e Urbanismo no Estado de Goiás, e colocar em pauta a temática escolhida pelo curso para comemorar seus vinte anos: *Construir e Habitar: cidade, território e cidadania*.

A DISCIPLINA, O LUGAR E AS MOTIVAÇÕES

O objetivo principal da disciplina PCE é apresentar um panorama das questões teóricas sobre o universo da preservação e conservação da memória cultural com ênfase no patrimônio edificado, lugar que condensa experiências e significados sociais e históricos. Mas, além das discussões teóricas que focam no entendimento da evolução do conceito de patrimônio histórico ao longo do tempo, procurando esclarecer a adoção mais atual da ideia de um patrimônio cultural ambiental e urbano, visto, nesse caso, através do que está materializado e que permanece na paisagem, a intenção é promover a relação dessas questões para as diferentes realidades.

Além de estudos de casos, que contemplam experiências internacionais, nacionais e locais, uma estratégia sempre adotada foi a do trabalho de campo. Durante um tempo, na minha prática com essa disciplina, adotei a cidade de Goiânia, capital do

estado e reconhecida por ser uma cidade planejada na década de 1930 e que carrega lições de um urbanismo clássico mas já modernizante. Além de todo o valor urbanístico, a cidade possui exemplares arquitetônicos de diferentes filiações que oferecem referência espacial e temporal para um debate interessante pela via de memória. Além de Goiânia, os núcleos coloniais como a cidade de Goiás (1727), reconhecido patrimônio mundial da humanidade e Pirenópolis (1727), já foram palco das explorações *in loco*, mas com menos frequência.

Porém, depois de alguns intervalos sem ministrar a disciplina, em um dos retornos, percebi que existia alguma incoerência no discurso e percurso teórico conceitual com a experiência do trabalho de campo. Se, a reflexão ao longo do caminho para a compreensão da ampliação do conceito de patrimônio, tentava desconstruir a formulação inicial de que se tratava da “coleção de objetos”, adotando quase sempre valores vinculados ao valor histórico e ou estético identificados por especialistas (CASTRIOTA, 2009), porque não olhar para o território onde está instalado o curso de Arquitetura e urbanismo da UEG, a cidade de Anápolis?

Anápolis é uma cidade centenária, que surgiu como um entreposto comercial no final do século XIX, e sua consolidação como núcleo urbano está ligada a construção de uma capela, dedicada à Sant’Ana, próximo ao córrego das Antas. Esse local considerado muito aprazível era um referencial para os diversos tropeiros que se deslocavam pelo interior de Goiás, transportando mercadorias e realizando a integração social do povoado com outros lugares (FREITAS, 1995).

De povoado (1870), vinculado ao arraial Meia Ponte (atual Pirenópolis), passou a Freguesia de Santana das Antas (1873) e a Vila (1887), sendo, enfim, emancipada em 1907, quando recebeu o nome atual. A vocação comercial de Anápolis se fortaleceu com a produção e beneficiamento de cereais, favorecida pela abertura de estradas que ligavam diferentes regiões do Estado e suas conexões interestaduais e foi intensificada com a construção de Goiânia (1933) e a chegada da Estrada de Ferro Goyaz (1935), eventos que celebravam a ideia de modernidade e que provocaram mudanças profundas na configuração e na paisagem urbana da cidade, mas também nos aspectos socioculturais e econômicos.

Com o destaque do dinamismo econômico da cidade, o comércio atacadista se intensificou, garantindo uma hegemonia comercial nessa década que se materializava através de diversos investimentos na cidade (FREITAS, 1995). Entre as décadas de 1930 e 1960, houve a expansão urbana para diversos locais da cidade, inclusive a partir de projetos de ocupação decorrentes da construção de vilas operárias e moradias voltadas aos trabalhadores locais (Vila Fabril, Vila Jaiara) além de um bairro com concepção de “cidade jardim” (Bairro Jundiáí)² e outro, contíguo, de “cidade Industrial” (Vila Industrial Jundiáí)³.

Com uma história interessante, favorecida pelo rápido fortalecimento econômico que foi se desenvolvendo ali, a cidade foi acumulando uma série de edifícios, lugares, conjuntos arquitetônicos de muito valor para a compreensão das identidades da cidade e da sua região, que, adotando, portanto uma visão ampliada do conceito de patrimônio e assumindo questões ligadas a ambiência, ao significado, poderia se tornar um ótimo laboratório para explorar as questões da disciplina de PCE.

Em 2016, na tentativa de ser mais coerente com o que era apresentado e defendido na disciplina, além de verificar a possibilidade de estreitar o que estava sendo discutido na pós-graduação no Grupo de Trabalho *Cidades, Sistema e Habitar*⁴ que também naquele momento decidiu se voltar mais para as demandas específicas de pesquisas colocadas pela cidade e seu território, é que Anápolis passa a ser assumida como o objeto de estudo dos trabalhos de campo de PCE. Mais recentemente, essa proposta metodológica discutida aqui, também foi integrada à um projeto de pesquisa em andamento e coordenado por mim e que pretende abordar a modificação da cidade através de uma cartografia das ressignificações urbanas⁵.

Outra forte motivação foi a verificação ao longo de vários semestres, na consulta habitual aos alunos sobre a temática da preservação, de um desconhecimento profundo sobre as questões da valorização do patrimônio histórico e cultural da cidade. Quando estimulados a citar edifícios, conjuntos ou lugares reconhecidos oficialmente pelo

² Sobre isso ver dissertação de Cabral (2020).

³ Sobre isso ver dissertação de Junior (2020).

⁴ Esse GT compõe a LINHA 01 “Dinâmicas Territoriais” do PPGS-TECCER-UEG.

⁵ Sobre isso ver Valva (2019).

tombamento em Goiás só se lembravam de exemplos do universo da arquitetura colonial, das antigas cidades da época do ouro, ou de exemplos do Art Déco da cidade de Goiânia. Anápolis não só não aparecia, nem entre os alunos provenientes dali e conhecedores da história local, como causava espanto, a descoberta de que na cidade, existiam exemplares de edifícios tombados como patrimônio histórico.

A partir dessa consciência, a oportunidade de utilizar o trabalho de campo como uma grande aventura para desenvolver uma sensibilização para as questões da preservação pensando não só nos alunos do 5^o período de Arquitetura e Urbanismo mas no meio acadêmico do Campus podendo em algum momento extrapolar essa escala e atingir um número maior de pessoas na cidade, é que surgiu a ideia de propor um trabalho na perspectiva do *Conhecer para Preservar, Preservar para Conhecer*, jargão muito utilizado na área de educação patrimonial e ambiental, e que consegue condensar os objetivos iniciais desse engajamento.

Vale reforçar que ações educativas no campo patrimonial não são e nem deveriam ser uma “solução redentora da preservação” como alerta Scifoni (2019), mas no âmbito de um curso de graduação, em que se constata ao longo de quase mais de uma década o total desconhecimento sobre o patrimônio “oficial” e as potencialidades culturais de vários outros tantos lugares da memória de Anápolis, *Conhecer* pareceu ser um início necessário.

Estimular e promover o conhecimento sobre esse território que, historicamente vem demonstrando um “desapego”, utilizando um termo de Françoise Choay (2001)⁶, em relação ao seu passado e que cultiva o mito da novidade que vem contribuindo para intensas renovações que desconsideram o valor de um passado recente, é o primeiro passo para que futuros profissionais que vão atuar diretamente na produção desse espaço modifiquem o rumo desse desequilíbrio notável nessa cidade entre transformar, renovar e preservar.

Desapego sem conhecimento pode ser uma mistura infalível para a destruição silenciosa da memória da cidade. Uma questão que sempre ronda as nossas

⁶ Sobre isso ver Valva e Silva (2018), e a dissertação de Silva (2019).

preocupações é como é possível efetivamente colaborar na construção de vínculos mais consistentes entre a população e a herança materializada no espaço urbano?

Essa ação dentro da disciplina, que vai para campo, explorar a cidade e a temática da preservação do patrimônio sempre procurou assumir uma postura questionadora, com uma orientação crítica acerca da produção e reprodução do espaço e do papel de cada agente nesse processo, apresentando questões e provocações tentando, assim, ultrapassar uma leitura romântica e muitas vezes ingênua sobre o patrimônio, a preservação e as dinâmicas da cidade. A aproximação promovida entre alunos de pós-graduação e essa disciplina, especificamente no desenvolvimento desse trabalho de campo e na apresentação dos resultados da pesquisa tem auxiliado nessa construção.

Nesse sentido, ao adotar um conceito contemporâneo de *patrimônio ambiental urbano*, que extrapola as limitações de uma visão tradicional, Anápolis passou a ser um campo de estudo importante, para desconstruir ideias preconcebidas e para desenvolver uma reflexão mais ampla e menos engessada.

DO JARGÃO À EXPERIÊNCIA

A hipótese que norteia a necessidade de aprofundar o conhecimento da realidade, considerando uma disciplina da graduação que discute a preservação do patrimônio, é a de que a aproximação com o mundo real e seus desafios contribuiu para o reconhecimento das diversas situações, construindo uma relação mais sólida entre quem vê e o que é visto e percebido. As diferentes situações, os lugares e seus edifícios adquirem particularidades, significados, detalhes e revelam identidades que só *in loco* são capazes de serem capturadas.

Já há algum tempo estamos convivendo com a disseminação da ideia de que “o urbanismo se faz a pé” (SECCHI, 1996), na crença de que é preciso caminhar, se aproximar da cidade e seus usuários, sentir, usar, perceber e quem sabe, pertencer.

O trabalho de campo é, portanto, uma atividade prevista na disciplina de PCE desde o início e a partir dele, sempre foi exigido a elaboração de uma reflexão crítica que, porém, sempre acabava com o desenvolvimento de trabalhos muito descritivos e

pouco estimulantes. Diante dessa constatação depois de vários anos, surgiu a ideia da construção de um trabalho mais autoral, cuja temática deveria ser indicada depois da experiência do campo, mas de escolha dos alunos, considerando as particularidades da turma, seus interesses, habilidades e intenções.

O lançamento da ideia desse trabalho de exibição através de uma *Mostra*, configurada como uma exibição cultural de intenções estético informacional, e a relação dela com a dinâmica da disciplina e da temática acontece logo no início do trabalho depois do reconhecimento das aproximações e interesses de cada turma. Destacam-se nesse processo os seguintes pontos: (1) a adesão para a elaboração de um trabalho que procure alargar seu campo de abrangência, ultrapassando a sala de aula, é livre. A turma pode não optar pela elaboração desse formato, que deve obrigatoriamente ser apresentado para um público; (2) O formato também é livre mas, a turma deve abraçar a ideia de uma *Mostra*, algo que será exibido para um público diverso e heterogêneo, em ambientes do Campus mas, que poderá sair dali e ganhar outros lugares; (3) A escolha do tema é debatido entre todos, e a turma pode desenvolver um único trabalho ou, dividir em ações e frentes que integrem o conceito, a ideia guia apresentado por eles; (4) Essa atividade está obrigatoriamente ligada ao trabalho de campo; (5) A turma deve constituir seus próprios grupos de trabalho: ideia-conceito, levantamentos, graficação, fotografia, *design*, montagem, comunicação, coordenação geral, por exemplo, agrupando todos os alunos e identificando suas vontades, habilidades e expressões individuais em prol do coletivo; (6) Sempre que possível haverá um aluno da pós-graduação para auxiliar nas orientações e na exploração do campo; (7) Qualquer formato, material ou plataforma será aceito, sem restrições desde que exequíveis no espaço curto de tempo e de forma mais barata e sustentável.

Essa proposta surgiu no primeiro semestre de 2016 e já foram seis edições dessa *Mostra* até o momento, sendo que só uma turma não aderiu a essa provocação até hoje. A essência do trabalho, que será exibido para um público, é conseguir comunicar, “mostra(r)” através de um *design* expositivo a temática e a situação da preservação do patrimônio histórico na cidade de Anápolis.

O grande tema é *Conhecer para Preservar, Preservar para Conhecer*, mas o slogan em si sempre ocupou um lugar muito discreto nas discussões com as turmas. As urgências são tão evidentes quando caminhamos juntos pela cidade que não é necessário relembrar a frase célebre. Desconhecemos nossa realidade, não questionamos nossos gestores, não colaboramos nos debates públicos quando acontecem, somos expectadores silenciosos e pouco conscientes do nosso papel de agentes produtores do espaço urbano. Projetamos sem analisar o contexto, desconsideramos a história, a memória e nossa cultura. Não visitamos os museus, não frequentamos as mostras artísticas que acontecem na cidade, passamos pelos espaços urbanos e não notamos as reminiscências que condensam identidades, idades e histórias. A cidade tradicional, antiga está degradada, escondida pelos letreiros, não acessamos e não a procuramos. Não é só o centro que possui importância, onde estávamos quando isso aconteceu? Porque ninguém reclama? Porque ninguém faz nada! Porque tombar se não cuida? Por que só tombar edifícios oficiais? E essa quantidade de galpões antigos na cidade, qual o futuro deles? E a especulação imobiliária? E por aí vai... essas são algumas questões colocadas quase sempre por todas as turmas.





Com um debate e reflexão críticos sobre essa realidade, é que as ideias e conceitos para as *Mostras* começam a ser pensadas. Um conceito é formatado, uma ideia é apresentada, os grupos de trabalho são formados e a elaboração de uma exibição em formato de *Mostra* começa a se materializar.

Foi possível perceber nas orientações dos trabalhos, uma vontade de aproximar a arte, a arquitetura e o urbanismo. No início foi necessário estimular bastante os diferentes recursos, possibilidades de abordar questões experimentadas nas caminhadas pela cidade, provocando maneiras de trazer o cotidiano para uma ação coletiva, mas com o tempo, é visível uma autonomia e liberdade criativa nas propostas das diferentes turmas. Uma vitalidade lúdica tem se destacado nos trabalhos o que favorece a perspectiva de desenhar uma aproximação com o público, e da aposta de um contemplar criticamente.

A potência de uma exibição foi sendo desenvolvida de maneira lenta e gradual, à medida que as primeiras experiências foram sendo recebidas e avaliadas pelos próprios alunos que já chegavam tendo sido fruidores de alguma *Mostra* de PCE. Assim,

as primeiras versões foram pilotos de uma ideia que foi ganhando força dentro da disciplina.

A consciência da exposição como objeto de ação discursiva foi moldando ao longo dos semestres a decisão projetual de problematizar, na forma da própria exposição. Em alguns casos, a experiência se deu de maneira integral, imersiva e em todas elas a ação não foi meramente contemplativa, estimulando de alguma maneira um certo grau de autoconsciência por parte dos visitantes.

A cidade de Anápolis passou a ser encarada como um contexto complexo para discutir as questões de patrimônio, e a arte e a estética como veículos para comunicar uma ação-contemplação, passando a ser uma linguagem fundamental para comunicar os temas escolhidos e as abordagens pretendidas.

A relação do corpo também parece ser uma construção em destaque. Não só o corpo-a-corpo da experiência do trabalho de campo mas, da exposição contar com uma estimulação do corpo na fruição do que se quer comunicar.

Bastante interessante é que esse trabalho dá voz a diferentes habilidades identificadas pelos próprios alunos: quem gosta mais de escrever, quem desenha, quem pinta, quem fotografa, quem faz performance, quem é “blogueiro”, quem se comunica melhor, os feras na computação gráfica, os “artistas”, os especialistas em organização entre tantas outras possibilidades apresentadas por eles. O trabalho aproxima colegas, constrói afetos, revela os “talentos” e, com poucos recursos materiais e de tempo, tem cumprindo uma função interessante.

Um tema aparentemente periférico tem assumido lugar de destaque entre os alunos. As *Mostras* têm revelado uma vertente conceitual-documental, dando muita dignidade a condição da preservação através da denúncia do descaso dos agentes públicos e do desconhecimento do senso comum. Essas experiências têm ampliando horizontes de criatividade através do contato com a realidade urbana que não é idealizada mas, vivenciada.

A experiência exploratória tem provocado reflexões interessantes por quem passa pelas *Mostras*, o retorno é oral, as vezes escrito, e os alunos recebem e acompanham essa interação entre a obra e o visitante. Os participantes desse processo

de aprendizado passam a ter a cidade e o tema da preservação como um conhecimento vivido, experimentado restando ainda saber no contexto da disciplina, como podemos utilizar essa experiência como um mecanismo para otimizar outras ações.

O público do campus de Ciências e Tecnologias, alunos, professores, técnicos, funcionários, visitantes, prestadores de serviço entre outros, têm sido estimulados a pensar, a refletir sobre o assunto. Uma vez por ano temos a oportunidade de apresentar essa proposta em um evento promovido pela direção o Campus, que é um projeto de extensão intitulado *Conhecendo a UEG*. Esse projeto criado em 2009, que ocorre anualmente em agosto em muitas unidades da Universidade e que, no Campus de Ciências Exatas e Tecnológicas, está na sua 10⁰ edição tem como objetivo propiciar aos alunos da Rede Oficial de Ensino da cidade de Anápolis e adjacências a oportunidade de conhecer os cursos oferecidos no CET, suas possibilidades profissionais e também instalações, como laboratórios, salas de aula e biblioteca. É um momento interessante, que mobiliza todos os cursos do Campus em um dia inteiro de atividades que interagem com estudantes do Ensino Médio e a Universidade, um “espaço de troca fértil para o fortalecimento da universidade pública em Anápolis e para o maior esclarecimento dos jovens” (CECOM-UEG, 2019).

Em agosto de 2016 fizemos a primeira apresentação dessa experiência em um dos eventos do *Conhecendo a UEG*, foi uma experiência piloto, ainda em formatação, e a repercussão da apresentação foi tão positiva que se constituiu como o pontapé inicial para que essa proposta tomasse fôlego, corpo e voz na disciplina. De lá pra cá estamos um dia de agosto, mostrando reflexões sobre a preservação em Anápolis.

Em 2017 tivemos uma oportunidade interessante de sair dos limites da Universidade e alcançar a cidade. A convite do diretor do Museu Histórico de Anápolis, o historiador Jairo Leite, fizemos a montagem de uma das versões, no recém restaurado edifício da Estação Ferroviária José Fernandes Valente, no Centro da cidade, na Semana dos Ferroviários, que durou uma semana e cujo retorno foi excepcional. Várias pessoas, de diferentes idades e origens puderam visitar e ver a produção dos alunos. A ótima repercussão gerou outros convites para exposição e explanação além da solicitação de

doação das maquetes apresentadas para o acervo da Estação Ferroviária e a execução de uma especialmente para compor um futuro Museu Ferroviário.

Nessa experiência com as *Mostras* do patrimônio, tenho tentado assumir um papel menos protagonista, e mais provocador. As orientações acontecem muitas vezes fora do cronograma das aulas, já que corre em paralelo com as outras demandas de conteúdo. Considero que minha atuação é *de curadora de criação de um espaço livre*, inspirada nas palavras de Mário Caeiro (2014), de alguém que se insere para instigar conflitos entre os campos de conhecimento. O Fazer acontecer depende do envolvimento da turma, nem sempre o entrosamento e os tempos entre eles são fáceis, muitas vezes alguns trabalhos saíram no último momento. Mas, em todos, o retorno de quem passa, vê e vivencia os formatos escolhidos pelos alunos são fonte inspiradora para dar continuidade a essa proposta metodológica que busca o aprendizado através de uma cartografia da ação.

CARTOGRAFIA DE UMA AÇÃO: SEIS *MOSTRAS* SOBRE ANÁPOLIS

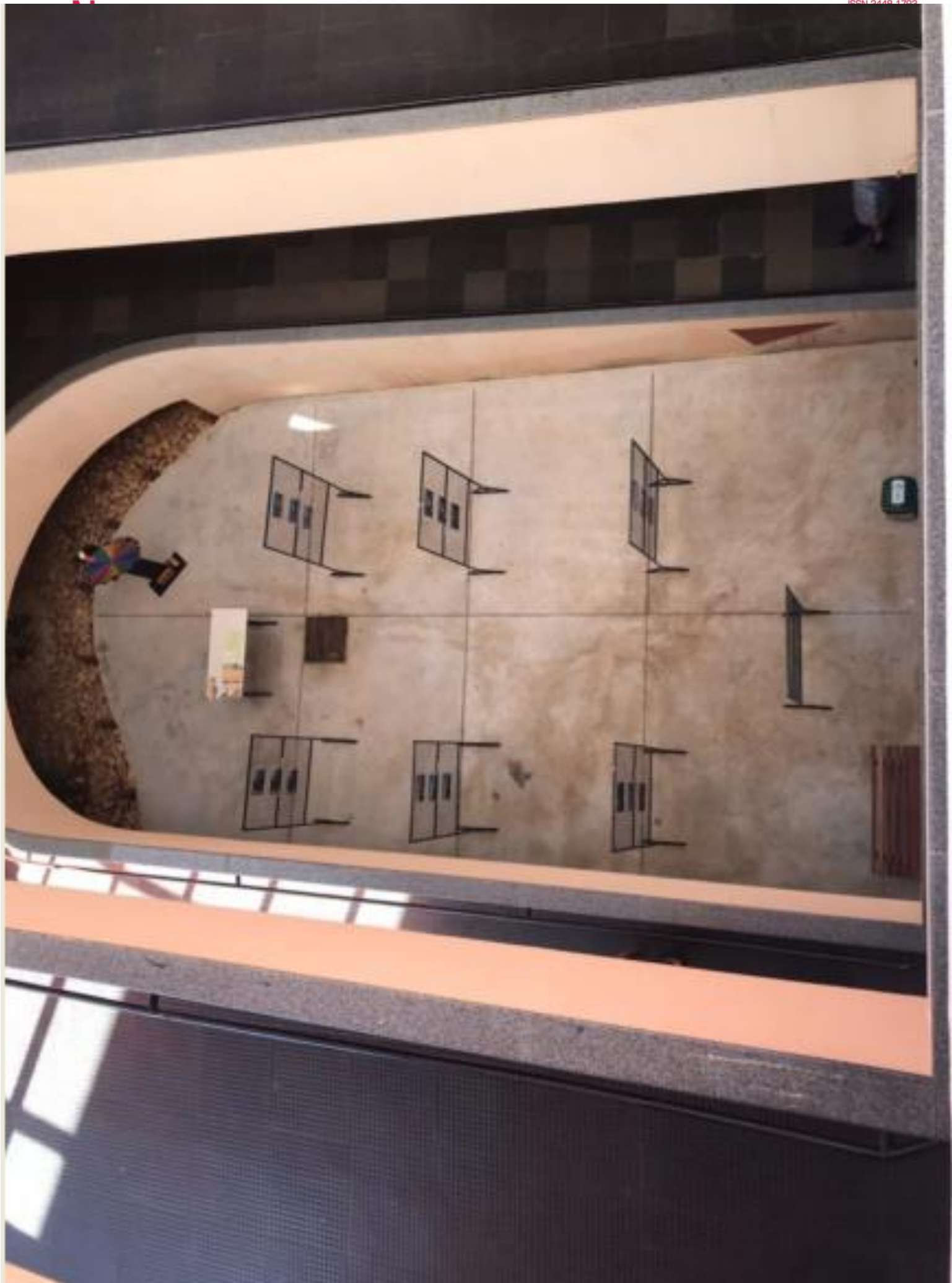
A experiência em campo é o motor da prática pedagógica discutida nesse artigo, como possibilidade de aproximação dos alunos com a realidade da preservação e conservação do patrimônio cultural e ambiental. A estratégia metodológica consiste em aprofundar na pesquisa da história do lugar e suas transformações: (1) na eleição de uma parte da cidade ou um fragmento capaz de estimular o debate da preservação da memória cultural edificada; (2) na definição de um roteiro prévio, acompanhado de um mapa, que pode ser modificado a partir do que é visto e percebido; (3) na experimentação da caminhada conduzida por inquietações e questionamentos construídos em sala de aula a partir de uma visão ampla do conceito de patrimônio; (4) na eleição de hipóteses temáticas em campo e depois dessa experiência; (5) na discussão e defesa de uma ideia que guie a elaboração de uma exposição que defenderá um conceito, com o objetivo de socializar os questionamentos e, quem sabe, sensibilizar mais pessoas para as questões do patrimônio cultural, ambiental e urbano.

Assumir um território urbano como um laboratório de pesquisa nos coloca frente a um objeto complexo, heterogêneo e dinâmico. Eleger a camada do passado como problemática traz muitas perspectivas de tempo e de espaço. O primeiro passo para um trabalho de campo é a caracterização contextual e a adoção do *ir para ver*, como lembra Ferrara (1999). O contato com a realidade ajuda a levantar hipóteses mais interessantes e prevê um empenho prático, que só se dá com o contato direto com o espaço urbano e também com seus usuários. Ferrara (1999, pg. 106), afirma que o espaço urbano é uma estrutura de linguagem que se manifesta através de sua representação, “não apenas visual, mas polissensorial: olfativa, tátil, sonora, cinética”. Esse é o espírito que caracteriza esse movimento na disciplina de PCE, na tentativa de *habitar* os lugares da memória em Anápolis.

A ação desenvolvida em campo deve ser transformada em um evento, que será regido por princípios do *experimental, debater, criar e provocar*. Essa proposta baseia-se em uma perspectiva experimental, que deve ter a justa medida de quem a propõe. A temática da preservação, ou a ausência dela, deve propiciar um diálogo crítico entre urbanidade e memória.

As *Mostras* podem assumir, portanto, um papel performático, evidenciando objetos, lugares e situações do cotidiano experimentado com uma provocação do juízo estético. A proposição deve ser coletiva, traduzindo os anseios do grupo, e também política, na perspectiva de provocar algum tipo de modificação em que faz e em quem vê, em quem produz e em que usufrui da experiência.

O título deve ser uma operação sempre que possível poética e metafórica, a indicação é sempre essa. Deve poder e querer revelar uma hipótese estratégica, na tentativa de articular a utopia e o real, o possível e o impossível e, quem sabe, também anunciar uma aposta de que, se conhecermos melhor a nossa realidade histórica e o que ainda permanece materializado na paisagem urbana podemos, quem sabe, traçar outros destinos para a cidade.

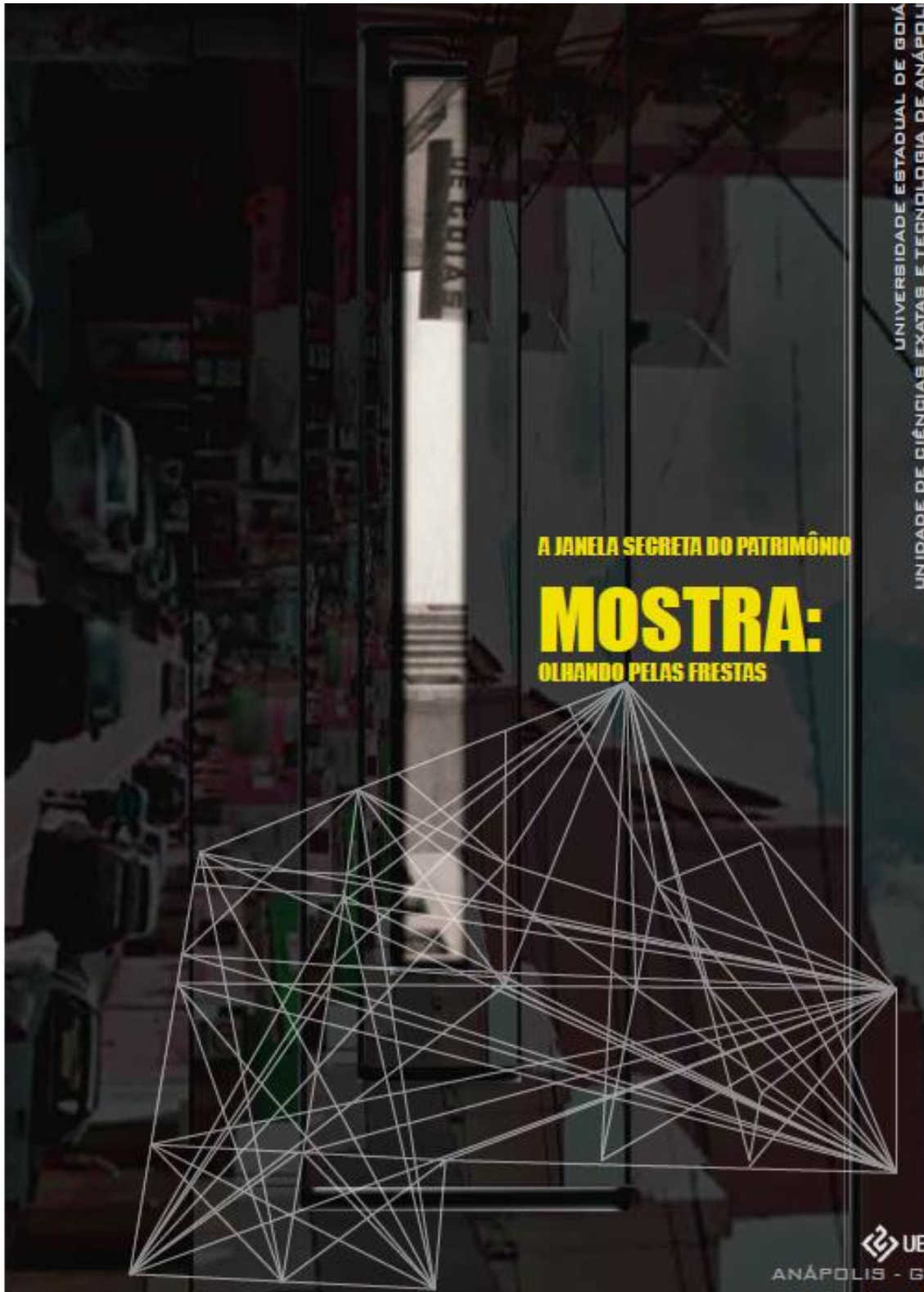


Nos últimos quatro anos, seis trabalhos foram desenvolvidos, apresentados e experimentados. A premissa de sair dos limites da sala de aula foi cumprida. Ocupamos em diferentes momentos corredores, ateliês, o vazio de uma escada, o saguão de entrada do auditório do Campus, um edifício histórico tombado, e até o *youtube*. Os formatos foram variados, audiovisual, percurso experimental através de maquetes de papel, de maquetes virtuais, performance polissensorial envolvendo ação com o corpo, o ouvido e a visão, móveis flexíveis, roleta giratória, maquete detalhada de um bairro inteiro, guias informativos, vídeos, visitas guiadas, painel de interação, colagens digitais que apresentam a construção de cenários possíveis e utópicos, da esperança e do impossível, do que está por vir e do que poderia ter sido feito.

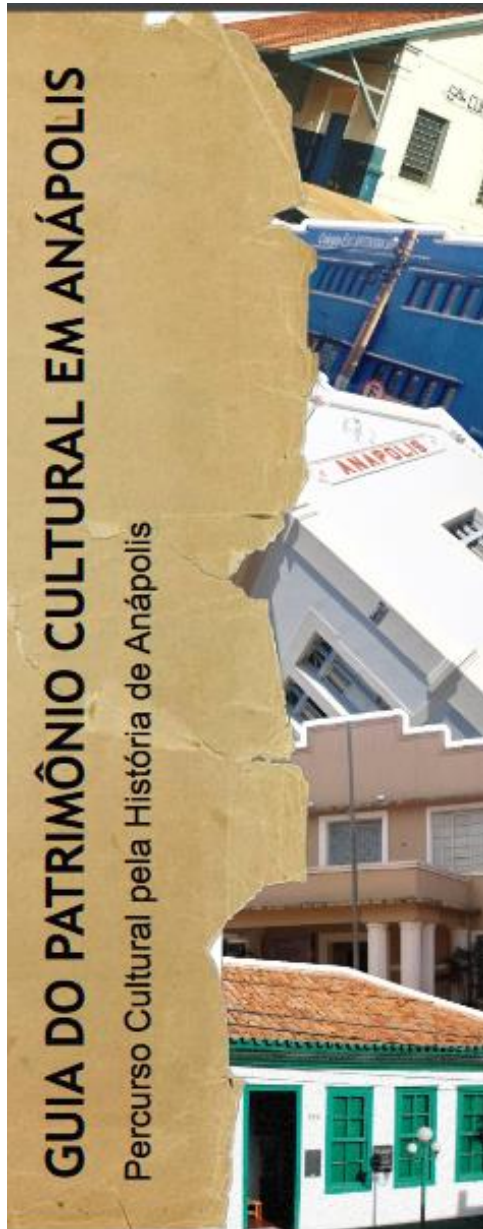
Como *Conhecer* é fundamental para ilustrar essa prática pedagógica, agora será apresentada uma síntese de cada trabalho.



Mostra(r) o Patrimônio Cultural...



Mostra(r) o Patrimônio Cultural...



No primeiro semestre de 2016, parte da turma aderiu à proposta e desenvolveu o trabalho intitulado **(ES)QUADROS**. Utilizando recursos simples de audiovisual, discutiu a paisagem urbana do centro tradicional de Anápolis, evidenciando as diferentes camadas de tempos históricos encontradas ali, com ênfase para a reflexão sobre a degradação dessa parte da cidade. Essa montagem teve como pano de fundo a música da cantora Adriana Calcanhoto⁷, que dá nome à *Mostra*, e que evidencia possibilidades e angústias de ver a cidade.

Essa abordagem que envolveu imagens, música e apresentação oral, traduziu-se no convite para o público pensar sobre o estado de conservação e os conflitos existentes entre interesses econômicos e a parte mais tradicional da cidade. Identificou e descreveu os edifícios tombados e também contextualizou e avaliou seu entorno e ambiência, guiados pelas palavras de Calcanhoto. O debate ganhou um colorido e tons especiais trabalhando contexto e conceito. Intensificou a crítica quando apresentou sobreposições desastrosas para a paisagem, uma falta de inteligência na intervenção sobre o antigo, vista em alguns projetos contemporâneos, feitos talvez com a ausência de arquitetos, mas nem sempre. Através da interação com a letra da música, o grupo dialogou com a cidade e apresentou uma leitura particular do seu centro tradicional.

No segundo semestre de 2016 o tema proposto foi **UM PERCURSO PELO PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO TOMBADO DA CIDADE DE ANÁPOLIS**. Esse trabalho utilizou a linguagem de instalação, e propôs um circuito com a execução de maquetes dos bens imóveis tombados na cidade de Anápolis (11 edifícios e dois equipamentos urbanos). As maquetes em papel cartão foram fixadas em totens (papel cartão) e colocadas seguindo um circuito de marcação em vermelho que indicava a implantação correspondente à localização do edifício na malha da cidade, guardadas as devidas proporções da escala urbana. A instalação contava ainda com um vídeo, que ficou em exibição durante todo o período da *Mostra*, banners explicativos sobre cada um dos bens tombados, com breve descrição histórica e arquitetônica, e com um painel em branco sobre o conhecimento acerca do instrumento do tombamento, que possibilitava a interação com o público para manifestações escritas.

⁷ *Esquadros* é uma composição de Adriana Calcanhoto, lançada em 1992, no álbum *Senhas*.

Utilizando um mecanismo de representação tradicional, mas sempre eficiente, as maquetes deram foco aos edifícios tombados, antes tão desconhecidos da turma. Os alunos evidenciaram detalhes, caracterizaram os estilos, compararam as escalas. Apresentaram e representaram os eixos materiais e imaginários que ligam esses *monumentos*, liberando mas conduzindo o percurso, dependendo de quem via e como via. A melhor axiometria foi a que se criou entre maquete e corpo, entre o edifício tombado e a cidade.

Depois desse trabalho foi possível perceber que as turmas seguintes já chegavam sabendo dos tombamentos em Anápolis. Esse trabalho revelou descobertas do campo, do percurso feito pela turma pela cidade. Repercutiu nas várias pessoas que passaram pela *Mostra* quando apresentada no edifício da estação Ferroviária do centro de Anápolis, montada a convite de um personagem importante na militância pela preservação em Anápolis, o historiador Jairo Leite. Na tradição dos museus, conseguimos uma oportunidade única de ativação da função social que esse trabalho pode atingir. Considero que foi um momento de síntese interessante para a comunicação sobre a preservação na cidade.



Mostra(r) o Patrimônio Cultural...



Algumas dessas maquetes compõem agora o acervo do Museu Histórico de Anápolis. Como foram feitas de papelão não sabemos da durabilidade e permanência delas. Não conseguimos colocar a proteção em acrílico, provavelmente estão em risco, como vários edifícios interessantes na cidade.

No primeiro semestre de 2017 a turma decidiu sair do centro mais tradicional e propôs uma análise de um bairro planejado na década de 1940, cuja concepção e construção estão vinculadas à ideia da cidade industrial. **OS GALPÕES DA VILA INDUSTRIAL JUNDIAÍ: A CONSTRUÇÃO DE CENÁRIOS** foi o título escolhido por eles. Essa proposta envolveu três modalidades diferentes de apresentação, a turma se dividiu, mas trabalhou de forma integrada.

O destaque foi a forte presença dos antigos galpões agroindustriais da cidade de Anápolis, construídos a partir da década de 1950 e as modificações recentes nessa estrutura. Foi pensada uma exposição que marcasse a noção da existência de um conjunto arquitetônico ambiental e urbano. Para isso foram elaborados: uma maquete detalhada de todo o bairro; painéis que simulavam a partir de manipulações digitais cenários positivos e negativos considerando a reciclagem arquitetônica de alguns desses galpões, e um vídeo que colocou em discussão a relação da população com essa estrutura modificada e reflexões sobre o seu futuro. O percurso a ser seguido era esse, e tudo conduzia para a defesa de um conceito forte: a imanência de uma perda anunciada.

O impacto da quantidade de galpões evidenciados pela maquete muito bem elaborada colocou em debate o futuro urbano de uma parte da cidade que condensa muito de sua identidade, da sua vocação comercial mas, que sem o devido reconhecimento, pode em algum tempo desaparecer. As transformações e reciclagens estão em curso, muitos galpões estão fechados, outros em plena atividade industrial no meio da cidade, e novos usos estão sendo propostos, o que pode desencadear uma revitalização interessante do bairro. Algumas quadras, porém, já estão sendo demolidas para receber grandes empreendimentos imobiliários, com suas características arquiteturas genéricas, carregadas de um formalismo tecnológico que poderia estar em qualquer lugar do país. A banalidade da paisagem contemporânea foi tratada pelos

alunos, motivados pela pergunta *E se?... verticalizaram quadras, transformaram galpões em shoppings*, entre outras propostas provocativas. Motivados pelo que viram, constituíram um debate coletivo sobre a construção da cidade na cidade, apresentando cenários radicalmente performativos.

No segundo semestre de 2017, uma Mostra polissensorial, muito bem articulada e que recebeu o nome de **A JANELA SECRETA DO PATRIMÔNIO: OLHANDO PELAS FRESTAS** foi apresentada por uma turma que resolveu trabalhar toda junta sob a batuta de dois alunos-artistas. Nesse trabalho o visitante tinha poucas pistas do que iria experimentar. A porta foi vedada, só uma pequena fresta permitia visualizar o que estava por vir. Ao entrar na sala, uma música que captava toda a agitação do caos urbano começava a tocar e o que se via era uma sequência de fachadas, perfis de rua impressos e colados no chão criando um percurso para visualizar os painéis fixados na parede. O visitante então tinha que pisar no circuito proposto, sujando e deixando marcas nas imagens ao mesmo tempo em que podia ver e ler sobre esses aspectos presentes na cidade assim como ver fotografias antigas sobrepostas aos problemas atuais. No fundo da sala, painéis artísticos indicavam a possibilidade de cenários possíveis e utópicos, caso ações de preservação fossem implantadas.

Nem sempre o entendimento das intenções da *Mostra* era imediato. O estranhamento em ter que pisar e sujar para acessar os painéis foi notável na abertura da exposição. Percebendo a inércia, membros da turma entravam, com muita atitude corporal e performática, pisavam, sujavam... ritmavam, e o visitante começava a relaxar da rigidez de não saber o que fazer, do que se tratava. E a mensagem começava a fazer sentido (silenciosamente, mesmo com o barulho urbano em alto e bom som). Afinal, não é isso que fazemos com a cidade? Não degradamos? Pisamos? Passamos por cima? Maltratamos?

Mostra manifesto, onde o visitante também passa a ser um co-autor, que não só contempla mas deixa marcas. Ali foi produzida uma vivência quase acenando para a importância do humano na cidade, na arquitetura. Todos participamos do tecer da cidade, no seu tecido e na sua imagem, positivamente e negativamente. Sujidade e esforço conduziram as intenções e o conceito. Vemos e sentimos por frestas as janelas

do patrimônio. Ação-interpretação, todos fomos *utilizadores* dessa experiência. Em alguns dos relatos pudemos ouvir: *ninguém sai o mesmo depois de entrar nessa sala.*



No primeiro semestre de 2018 o trabalho apresentado ocupou o saguão de entrada do auditório do Campus com a instalação de um móbile de papelão que formava um recinto, um espaço para manipular a frente e o verso dos painéis. **MÓBILE DO PATRIMÔNIO: preservação** trazia o movimento, o visitante era convidado a entrar e interagir com fotos, desenhos, e pequenos textos, as vezes só palavras, que criavam oportunidades de diálogo e produção de sentido. Bens imóveis tombados e anônimos giravam e eram girados para provocar uma reflexão sobre a degradação, esquecimento e o desamparo. O móbile como peça de design, simples, de papelão, mas quase arquitetônico formando o recinto da experiência interna ou externa, foi manipulado e visto por vários usuários do Campus. Mostra-objeto, com material instável que se mexia muito com o vento, uma fragilidade visível que também defendia essa ideia conceito.

Com uma relação de visibilidade interessante parecia ter uma função em aberto. É possível brincar com o patrimônio?

O último trabalho foi desenvolvido no primeiro semestre de 2019, **OLHARES E AÇÕES SOBRE O PATRIMÔNIO EDIFICADO EM ANÁPOLIS** foi uma *Mostra* que contemplou a elaboração de três produtos que foram apresentados nas exposições e que serviram como instrumento de interação com o público, foram eles: um *Guia de bens imóveis tombados* (impressão colorida tipo folder); Painéis A3: Impressão digital intitulada *Construção de Cenários*; e uma *Roleta interativa*: objeto vertical com uma roleta que proporcionava um *quiz* divertido com o público.

O *Guia dos bens imóveis tombados* envolveu a produção de um folder com informações históricas da formação da cidade de Anápolis, mapa com a localização dos bens imóveis tombados na cidade e breve descrição arquitetônica e histórica de cada bem. O folder ficava fixo e podia ser manipulado pelos visitantes.

A *Construção de Cenários* foi apresentada através de Painéis fotográficos em A3, que, através da manipulação de imagens e gravuras digitais, propunha a reflexão sobre a necessidade de integração entre preservação e o planejamento urbano. Algumas vezes foi apresentado um cenário catastrófico, caso a legislação no entorno dos bens tombados fosse liberada para os anseios do mercado imobiliário, em outras, limpava as interferências negativas na paisagem existente, mostrando o que a cidade teria, caso a conservação dos bens e seu entorno fosse mais bem conduzida.

A *Roleta Interativa* se constituiu em um objeto vertical com uma roleta móvel, que continha fotos de diferentes edifícios de interesse histórico da cidade e que, quando rodada pelo usuário, ele deveria dizer se conhecia o edifício se sabia onde estava localizado, se era tombado como patrimônio histórico ou não. Na parte de trás, para cada foto foi elaborada uma ficha com as descrições. Esse foi um artifício utilizado para iniciar uma conversa informal sobre tombamento, preservação e que proporcionou uma interação divertida e interessante na exposição.

Essa proposta utilizou objetos que transformam, *in-formam*, um conteúdo e algumas tensões. O grupo escolheu uma linguagem apropriada para cada questão que queria informar, problematizando ao utilizar do material tradicional ao lúdico com uma

mensagem de que temos o poder de agir. Debateu sobre ações que informam e que devem ser disseminadas, socializadas, impressas, divulgadas, manipuladas. Ao final, refletimos que ações pela comunicação em tempos de urgência devem ser um caminho adotado para renovar os mecanismos de aproximação entre o habitante, a cidade e a sua memória.

Mostra(r) o Patrimônio Cultural...



A VOZ DE UMA EXPERIÊNCIA

Nesse trabalho aqui apresentado a tentativa foi dar voz a um movimento que vem tomando corpo dentro de uma disciplina da graduação com uma ponte já construída com a pós-graduação. Nasceu como uma provocação frente a um silêncio, um desconhecimento e uma inércia visíveis. Mas vem conseguindo seguir adiante principalmente pelo valor e qualidade humanos no corpo discente. O curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás recebe alunos com histórias de vidas variadas, heterogêneas, todas interessantes e todos com muita vontade de aprender e doar. O brilho nos olhos, a garra e vontade de alcançar diferentes voos são uma característica marcante da grande maioria dos alunos nessas duas décadas de existência.

Nesses 20 anos estamos aos poucos aprendendo a nos aproximarmos mais de Anápolis. O fato do curso estar instalado em um Campus da UEG longe da área urbana, e ainda de difícil acesso ao transporte público, além de por muito tempo, contar mais com alunos e professores sediados em Goiânia, pode ter favorecido um distanciamento entre os conteúdos do curso e a cidade⁸.

As *Mostras* de PCE são uma maneira também de olhar com atenção para Anápolis, de tomar posse de um território pouco habitado pela Universidade. O desenvolvimento desse trabalho não é obrigatório, mas os alunos embarcam e abraçam a provocação. O trabalho de campo é gratificante. Só de sair das paredes da sala de aula, atravessar a BR-153 e alcançar o centro e suas adjacências, em uma caminhada produtiva, conduzida com propósitos explícitos, mas adotando outros que vão aparecendo no percurso, já é uma aventura.

Considero a adesão à proposta pelas turmas como um posicionamento político, de entender o papel da Universidade na divulgação e democratização do conhecimento, do privilégio que é cursar uma Universidade pública de qualidade, mesmo

⁸ Fazemos parte do Campus Central, sede dos cursos de Ciências e Tecnologia (CET), instalado na BR-153, em uma área enorme, vizinhos de grandes indústrias, um aeroporto de Cargas entre outros grandes equipamentos, e convivemos com a dinâmica e velocidade de um eixo que liga Goiânia à Brasília.

reconhecendo todos os seus problemas. É preciso doar, contribuir, disseminar ideias e alcançar mais gente. Possibilitar o diálogo com o outro, sensibilizar para as questões urbanas, abrir essa janela do patrimônio. Escancarar as frestas que nos distanciam do passado, do presente e do futuro. O encontro com alunos do ensino médio no mês de agosto tem contribuído para alimentar essas intenções.

Olhar para a sala de aula sempre de outra maneira, motiva a criação de atividades que afrouxem as amarras dos conteúdos obrigatórios, do cumprimento de tantas regras. Provocar novas expectativas acerca da função do ensino enquanto ligação arte-vida como um espaço da liberdade, parece abrir sempre novas possibilidades e acaba se transformando em um princípio a ser adotado.

Explorar Anápolis na disciplina de Patrimônio Cultural é uma prática emergente que vem multiplicando dimensões de análise, trabalho crítico, diversificado e cada vez mais inovador. A atividade apresentada aqui se envolve na vida cotidiana, insere-se no ambiente e tem contribuído para a transformação dos alunos. Ela pressupõe a adoção de atitudes, de posturas críticas, conceitos, mas também de um fazer artístico. Essas *Mostras* se constituem de obras conteúdos, simples, feitas quase artesanalmente para expressar uma visão crítica e muito empenhada em promover mudanças.

Essa proposta metodológica ainda pode amadurecer bastante, é preciso fazer uma reflexão desse percurso e dos limites a serem ultrapassados. A elaboração desse artigo pode ser o início desse processo. Só agora fiz essa leitura do conjunto de maneira organizada. Reuni arquivos, selecionei imagens. Nada é muito dirigido depois que voltamos do trabalho de campo, acho essa liberdade e autonomia importante para que os alunos criem o próprio caminho. Existe uma direção, mas com muita experimentação e escuta. A intenção é que seja uma ação coletivista e que eles *aprendam a viver juntos*, reforcem as parcerias, sejam guiados pelas habilidades, desenvolvam um projeto autoral e utilizem como um momento de manifesto e de interação.

Vejo a possibilidade de nas próximas versões nos integramos mais com personagens da cidade, com os habitantes que transitam, com pessoas chaves que calibram olhares. De vivenciar a produção artística da cidade que é bastante expressiva e que está tão perto para interagir.

A prática metodológica apresentada quer dar voz aos alunos e seus projetos, alimentando o poder criador do grupo e criando uma dinâmica horizontal mediatizada pelo mundo, assim como sinaliza Paulo Freire (1987). Cada semestre é um eterno recomeço, recolhendo as intenções, as particularidades, as bagagens individuais e coletivas. A realidade coloca o tema, e muitas vezes é a urgência de algum fato ou a contribuição de uma pesquisa em andamento que pode alimentar esse processo. No caminho, desenham-se múltiplas hipóteses que irão ser testadas pela experimentação de ouvir a cidade e os seus lugares representativos, de revelar uma memória que se quer guardar ou quem sabe, esquecer.

Dedico esse artigo a todos os meus alunxs que frequentaram a disciplina de Patrimônio Cultural Edificado na UEG entre os anos de 2016 à 2019, e que toparam se aventurar nessa experiência.

Agradeço aos representantes de turma pela colaboração na reunião do material e parceria constante na elaboração desses trabalhos com as turmas: Vitor Hugo Alencar(2016.1), Mariana Almeida (2016.2), Luíza Santa Bárbara (2017.1), Flávia Alves de Oliveira (2017.2), Lohanny Filgueiras Nogueira (2018.1) e Letícia Leal Steckelberg (2019.1).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Ana Laura. *Costurando Imagens Urbanas em Movimento: o Averso do Bairro Jundiá, em Anápolis (Go)*. Dissertação de mestrado. PPGS Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER-UEG), Anápolis, UEG, 2020.

CAEIRO, Mário. *Arte na Cidade: história contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2014.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte IEDS, 2009.

CECOM UEG. *10ª Edição do Projeto Conhecendo a UEG*, 2019. < Disponível em http://www.ueg.br/noticia/50431_10_ordf_edicao_do_projeto_conhecendo_a_ueg>

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, Editora da Unesp, 2001.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Arquitetura*. RESOLUÇÃO Nº 6, DE 2 de fevereiro de 2006.

IPHAN. *COMPROMISSO DE BRASÍLIA*, Brasília, 1970. Disponível em < <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Compromisso%20de%20Brasilia%201970.pdf>>

FARAH, Ana Paula. *Restauração Arquitetônica: a formação do arquiteto no Brasil para preservação do patrimônio edificado*. História [online], 2008, vol.27, n.2

FERRARA, Lucrécia. *Olhar periférico: informação, Linguagem, Percepção Ambiental*. São Paulo: Edusp, 1999.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Rivalino Antônio de. *Anápolis – Passado e Presente*. Anápolis: Voga, 1995.

JÚNIOR, Osvaldo Lino Alves. *DA GÊNESE AO GÊNESIS: Transformações e Permanências no Espaço da Vila Industrial Jundiá, em Anápolis-GO*. Dissertação de mestrado. PPGS Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER-UEG), Anápolis, UEG, 2020.

SCIFONI, Simone. *Conhecer para Preservar: uma ideia fora do tempo*. Rev. CPC, São Paulo, n.27 especial, p.14-31, jan./jul, 2019.

SECCHI, Bernardo. Ascoltare la città. In: *Laboratorio Prato PRG*. Firenze: Alinea, 1996.

SILVA, Ana Caroline C. *DO EDIFÍCIO HISTÓRICO AO ESPAÇO URBANO: Um estudo sobre a Estação Ferroviária no Centro Pioneiro de Anápolis-GO*. Dissertação de mestrado. PPGS Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER-UEG), Anápolis, UEG, 2019.

VALVA, Milena d'. *A MODIFICAÇÃO DA CIDADE: uma cartografia das ressignificações urbanas na Cidade de Anápolis*. Projeto de Pesquisa, PRP, UEG. Anápolis (2019-2021).

VALVA, Milena d'; SILVA, Ana Caroline C. *A fragilidade da preservação em Anápolis*. Revista Nós - Cultura, Estética e Linguagens , v. 3 n. 2, 2018.

REFERÊNCIAS IMAGÉTICAS

Todas as imagens desse artigo fazem parte do acervo da disciplina organizado com auxílio dos representantes de turma.



